

A contribuição do gênero história em quadrinhos para o desenvolvimento da leitura

Lívia Almeida Passosⁱ (UFLA)
Mauricéia Silva de Paula Vieiraⁱⁱ (UFLA)

Resumo:

O presente trabalho versa sobre o estudo da leitura a partir do gênero textual história em quadrinhos. Busca compreender o conceito de leitura, e investigar como a história em quadrinhos pode contribuir para o desenvolvimento da proficiência leitora. O quadro teórico advém dos estudos de Oliveira (1997), Soares (2001), Cagliari (1994), Freire (2003), Bakhtin (1979), Coscarelli (2013), e Mendonça (2005). O ato de ler vai muito além da decodificação mecânica do código escrito, pois envolve a leitura de mundo. Sua aquisição é complexa e muitos fatores influenciam no processo de compreensão do que se lê, uma vez que os indivíduos buscam a possibilidade de contemplá-la com sentimentos, emoções, compreensões e prazeres. É um instrumento muito poderoso no processo ensino aprendizagem, já que leva o leitor ao conhecimento científico e ao conhecimento do mundo, o qual refletirá em novos conhecimentos. Por sua vez, entendemos que o gênero história em quadrinhos pode contribuir neste processo, já que traz diferentes situações cotidianas vividas pelos personagens e possibilita desenvolver a competência de leitor compreensivo, competência oral, competência escrita, comportamento leitor, comportamento escritor, competência argumentativa, senso crítico, imaginário e criatividade, além da capacidade para a decodificação e a apropriação de diferentes linguagens. O corpus da análise é composto por histórias em quadrinhos coletadas em jornais ampla circulação. A análise aponta que é de suma importância discutir este tema de maneira mais abrangente, demonstrando assim a complexidade da leitura em textos que congregam várias semioses levando o indivíduo a uma leitura do contexto cultural onde ele vive possibilitando assim o desenvolvimento do senso crítico.

Palavras Chave: Leitura; Gênero textual; História em quadrinhos.

1 Introdução

Neste artigo nos propomos a discutir como a prática da leitura está presente em nossa vida desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo a nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro ou através dos mais diversos gêneros textuais, verbais ou não verbais, multimodais ou multissemióticos, estamos de certa forma, lendo. Participamos de uma sociedade letrada em que o escrito se faz presente em nosso cotidiano, em nossas práticas sociais. Daí a importância da leitura e a necessidade de abordar a questão do ensino do ensino/aprendizagem no espaço escolar incentivando sua prática através metodologias condizentes com o atual contexto.

Considerando ser um gênero que desperta o interesse dos estudantes de todas as idades, analisaremos o gênero História em quadrinhos (HQ), uma das mais ricas e produtivas formas de expressar diversas temáticas, e na qual se faz presente a relação entre palavra e a imagem e outros recursos que possibilitam diferentes leituras. Trata-se, assim, de um gênero que congrega em sua constituição vários recursos semióticos e/ou multimodais. É fato que, esses textos marcam a sociedade contemporânea. Houve, como proposto por Kress (2010), uma guinada para o visual e os todos os gêneros textuais falados e escritos são multimodais, pois apresentam, pelo menos, dois modos de

representação: palavras e gestos, palavras e imagens. Tais questões nos remetem à necessidade de se discutir questões relativas à leitura, pois os recursos disponíveis e os suportes permitem que uma informação seja representada apenas por imagens, através da associação da linguagem explícita elíptica ou semiótica que contribuirão para que o leitor construa sentido ao texto.

A partir dessas considerações, no presente artigo analisaremos e discutiremos o gênero HQ, presente em jornais de ampla circulação, como dispositivo que aborda diferentes temas, possibilita o levantamento de hipóteses e a produção de inferências, dentre outras capacidades básicas, contribuindo para a formação do leitor proficiente, cuja leitura vai transcender as práticas escolares e alcançar a dimensão de uma prática social.

2 A leitura sob várias perspectivas

Desde muito cedo, as crianças já estão em contato com as letras, palavras, textos. Em uma sociedade centrada na cultura escrita, é necessário processar informações que nos chegam por meio de diferentes mídias: impressa, digital, televisiva, radiofônica, etc. É preciso, portanto, desenvolvermos habilidades de leitura para lidar com uma variedade de informações. Mas, a leitura por si só, não tem significado. A habilidade de interpretar tornou-se então essencial e este passou a ser um dos grandes objetivos da escola. Ângela Kleiman (1987, p. 52) afirma que a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. Para que essa compreensão ocorra é preciso possibilitar situações de aprendizagem significativa e que a leitura seja explorada de forma reflexiva para que o leitor aprenda se posicionar diante de novas informações, buscando, a partir da leitura, novos conhecimentos.

Por atividades significativas e reflexivas entendemos que são aquelas que, realmente possibilitam que o aluno aprender a ler um texto, a interpretar, buscar informações, argumentar, ampliar seus conhecimentos e preparar-se para a vida em sociedade. Nessa direção, argumenta Cagliari (1996, p. 148) que “(...) *o melhor que a escola tem a oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura (...)*”.

Desenvolver o gosto pela leitura é primordial e precisa ser uma prática iniciada bem cedo. A escola, principalmente a sala de aula, deve ser espaço de leitura com atividades estimulantes e que permitam que o aluno possa desenvolver a competência leitora. Porém, apesar dos esforços da escola, ainda é comum ouvir alunos dizerem que não gostam de ler. Acreditamos ser tarefa do professor elaborar situações que explorem a leitura como prática social e que possibilitem ao aprendiz compreender a necessidade de uma leitura eficiente, tal como proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 54):

(...) ressaltar a importância da leitura como objetivo do ensino, de aprendizagem e como objetivo de realização imediata. Isto significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes para quês: resolver um problema prático, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto.

A prática e o ensino da leitura estão entrelaçados com a cadeia discursiva que faz parte do cotidiano das pessoas e a escola é um dos ambientes em que esta cadeia se faz muito presente. O diálogo é capaz de promover um ensino-aprendizagem significativo, além de oferecer condições para o desenvolvimento do aluno como leitor pleno, pois, favorece o conhecimento de novas palavras em uma perspectiva dialógica. Assim, nos reportamos aos estudos do círculo de Bakhtin que nos permite considerar a leitura como um processo dialógico que envolve a construção de sentido do texto e a constituição dos sujeitos que participam das situações de interação. A perspectiva pela qual vemos a

leitura, neste contexto, a situa na esfera escolar, com o objetivo de desenvolver as capacidades necessárias para a participação consciente do aluno nas práticas de linguagem, verbais e não verbais, nos ambientes convencionais e virtuais. Essa concepção traz para o centro das reflexões o interesse pelo funcionamento real da linguagem em toda sua essência e que faz parte das relações humanas nas práticas sociais caracterizadas pelo dialogismo. Reportamo-nos assim a Bakhtin (2006, p.96) que afirma: “*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial*”. Isto nos leva a crer que produzimos sentido para o que lemos, a partir de nossas experiências significativas.

Nesta linha de pensamento podemos também mencionar Paulo Freire (1988, p. 11) que afirma:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Em outras palavras, Bakhtin afirma ser o homem histórico-social, ou seja, o homem aciona a compreensão verbal quando faz a ligação do que foi dito com a sua própria vida.

Nesta óptica, tanto Paulo Freire quanto Bakhtin indicam a imprescindibilidade de que a linguagem permeia uma discussão entre o interior e o exterior dos sujeitos que dialogam, estando, assim, ligada às práticas sociais.

Os dois autores acima mencionados nos possibilitam pensar na sala de aula, em que, as interações verbais acontecem a todo o momento, seja entre os próprios alunos ou entre professor e aluno, onde, cada um, em sua subjetividade ao dialogarem com suas diferentes experiências cotidianas possibilitam aos seus pares o enriquecimento da própria linguagem, o que vai influenciar, sobremaneira, no entendimento e compreensão da leitura em seus diferentes contextos em que nos são apontadas atualmente através de diferentes gêneros textuais. Nas palavras de Marcuschi (2010, p. 19):

Já se tornou trivial a ideia de que gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, fruto de trabalho coletivo os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e imperativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos, Surgem emparelhados a necessidades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação as sociedades anteriores à comunicação escrita.

A diversificação dos gêneros é de suma importância para a efetivação da leitura na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 24) nos trazem diretrizes que orientam essa abordagem:

Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer à reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem

como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Quando falamos em uma "sociedade letrada" compartilhamos as ideias de Magda Soares que afirma que o sujeito letrado é aquele que, vai além da simples decodificação, implica entender o que está por trás dos símbolos e sinais que lhes são apresentados. Trata-se, assim, da aprendizagem da leitura e da escrita como práticas sociais para que o indivíduo possa exercer sua cidadania, expressar pontos de vista e crenças no contexto em que vive. Trata-se de ser letrado.

Com o surgimento de novos fenômenos, como a internet, surgem outros gêneros textuais que precisam ser contemplados no ensino da leitura, o que torna cada vez mais desafiador para o professor formar leitores competentes que possam construir sentido para os diversos gêneros textuais multimodais presentes no cotidiano. Esses gêneros textuais possibilitam representar uma informação utilizando palavras e imagens, pois, além do código das letras há também os recursos visuais que ilustram o conteúdo em questão. Tudo isso, imagens, cores, tipos de letras também são pistas/estratégias que permitem construir sentido e precisam ser lidos e interpretados; trazem informações que precisam ser assimiladas e, isso só será possível se o indivíduo desenvolver a capacidade de compreender os vários modos de significar, próprios da linguagem, ou seja, a multimodalidade assim descrita por Dionísio (2008, p. 132):

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. [...] Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa.

Considerando o que foi exposto, acreditamos ser possível a pensarmos no termo "Letramentos", uma vez que, é necessário o pleno domínio para compreender a amplitude e diversificação dos gêneros textuais na atualidade para que o sujeito possa ser considerado "letrado". Na próxima seção, analisaremos o gênero HQ, gênero que congrega vários recursos semióticos e multimodais.

3 HQs: os diversos recursos que possibilitam a compreensão

Tratando-se de uma das mais ricas e produtivas formas de expressar diversas temáticas, as histórias em quadrinhos utilizam a linguagem verbal e a não verbal pela associação da linguagem explícita e elíptica, imagética, uma grande variedade semiótica proporcionando também uma grande variedade semântica e isto obriga o leitor a estar atento ao que lê, uma vez que, o sentido de uma determinada palavra vai depender do contexto em que está inserida bem como as palavras que a antecedem e a sucedem e que serão determinantes para a atribuição de sentidos.

Atualmente, tornou-se muito comum, nos depararmos com este gênero textual e com outras manifestações que com ele dialogam (histórias propriamente, tiras, charges, cartum, bem como as chamadas histórias sem texto). O mercado consumidor oferece uma grande variedade deles além de serem abordados em livros didáticos, gibis, sites, blogs, revistas e jornais de grande circulação.

A HQ apresenta recursos textuais e discursivos que permitem explorar estratégias eficientes empregadas para estabelecer a interação com os leitores através das várias linguagens abordadas nos

quadrinhos, das cores e do formato dos balões, nas expressões fisionômicas dos personagens, etc. mostrando-se como um eficiente dispositivo de ensino dos saberes escolares e tornando-se um coerente recurso de transposição didática para a aquisição do conhecimento passando a ter um lugar de destaque com o desenvolvimento das ciências da comunicação como expressadas por Barbosa (2004, p.17):

(...) passaram a ter um novo status, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como forma de comunicação artística com características próprias.

Estudos apontam que histórias em quadrinhos tornam o ensino mais prazeroso, pois, motivam os estudantes a se interessarem mais pelos conteúdos escolares tendo em vista que, estimulam a curiosidade e incitam o senso crítico considerando a relação existente entre texto e imagem ampliando assim a possibilidade de entendimento além de contribuir para a formação de hábitos de leitura e enriquecimento do vocabulário, dentre outras, por seu caráter dinâmico e animado. Segundo Mendonça (2007, p.207):

Reconhecer e utilizar histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica parece ser fundamental, numa época em que a imagem e a palavra, cada vez mais, as associam para a produção de sentido nos diversos contextos comunicativos.

Trata-se assim, de um gênero muito rico e de fácil acesso haja vista que circulam em diferentes veículos. Rama et al. (2004) afirma que trata-se de um gênero que se constitui por meio de uma linguagem visual onde há um protagonista e personagens secundários, figuras cinéticas, metáforas visuais, utiliza linguagem verbal, balão de fala, legendas e onomatopeias e que, evidentemente, sempre transmite uma mensagem sendo amplamente utilizado também nos jornais de grande circulação. Utilizaremos para análise, de alguns exemplos retirados no Jornal Folha de São Paulo, versão digital.:



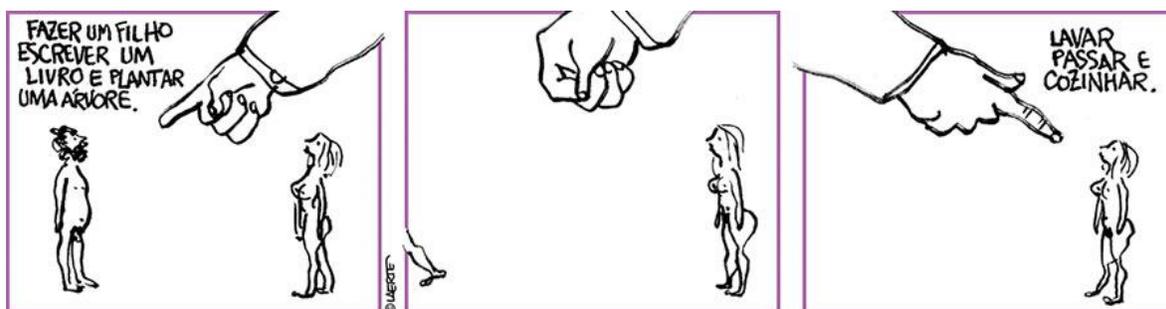
Esta tirinha do Garfield foi publicada no dia 02/10/2014. Não há um diálogo entre os participantes e o uso de balões em formato de nuvem com as bolinhas direcionadas ao peixe e a expressão facial dos personagens fazem com o leitor infira o que Garfield está pensando e produza sentido para o texto verbal que traduz o pensamento do peixinho. A expressão de Garfield modifica-se nas próximas cenas e demonstra sua intenção de comer o peixe deixando-o apavorado. Neste exemplo, a função social do gênero é divertir o leitor, trata-se de uma tirinha humorística.

Outras tirinhas exploram, além do humor, outra função social: a de criticar questões sociais.



Essa tirinha também foi publicada na mesma data da anterior. Retrata um diálogo entre dois homens, conforme indicam os balões. Percebemos que aborda um tema da atualidade e que faz uma crítica a discursos políticos já arraigados utilizados como forma de manter o poder. Ao final, percebemos a associação da figura do político a um mentiroso, como se mentir já fizesse parte desse papel social. De maneira bem humorada, explora um tema em um contexto de eleição no país e evidencia um ponto de vista sobre a classe dos políticos. Em sala de aula, é possível explorar os conhecimentos prévios dos alunos, as inferências, perceber os não-ditos, relacionar texto ao contexto, explorar os recursos semióticos como estratégias textuais-discursivas.

O próximo texto possibilita uma discussão sobre papéis sociais.



Nesta outra tirinha, também publicada no dia 02/10/2014, percebemos que há uma crítica relacionada ao papel que, ainda hoje, muitas pessoas atribuem à mulher. Não apresenta um diálogo, mas uma sequência dos fatos. É possível estabelecer um diálogo intertextual com o texto bíblico e a cena de Adão e Eva no paraíso. A mão que aparece personifica um discurso autoritário estabelecendo papéis sociais entre o homem e a mulher. Os recursos visuais apresentados e o conhecimento prévio são fundamentais para o entendimento do texto e da crítica que estabelece. Em sala de aula, permite discutir questões relacionadas a gênero e diversidade, permite desenvolver a argumentação do aluno sobre um tema tão atual, dentre outras possibilidades.

Percebemos que as Histórias em Quadrinhos, com características híbridas, concebem e apoderam-se de vários outros gêneros. Há diversas formas de expressar a comunicação entre os sujeitos envolvidos. Os gestos, os balões, as imagens, a forma das letras, enfim, estes aspectos multimodais é que atribuem o sentido ao texto, como afirma Dionísio (2006, p.141):

(...) imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal. Da ilustração de histórias infantis ao diagrama científico, os textos visuais, na era de avanços tecnológicos como a que vivemos, nos cercam em todos os contextos sociais.

Diante das exigências do atual contexto social em que vivemos da globalização, que exige leitores capazes de interpretar corretamente os mais variados gêneros inclusive os multimodais, percebemos a importância de formar leitores competentes para lerem textos que articulam o verbal ao não verbal. Nesse mesmo sentido, Rojo (2008, p. 25) que diz que é preciso ir além da leitura de textos escritos para os quais desenvolvemos as teorias para efetuar o ensino da leitura. Tornou-se imprescindível colocar imagens em relação ao texto escrito com signos de outras modalidades de linguagens (imagens estáticas e em movimento, fala, música, infografias).

Dessa forma, o uso de textos que contenham essas variadas modalidades da linguagem no ensino de língua portuguesa, certamente contribuirá para uma formação mais ampla do leitor em contexto escolar e maior relevância aos conteúdos ministrados pelo professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo de nossos estudos, confirmamos que o ensino da Língua Portuguesa fundamenta-se no estudo através de textos. Para que a prática pedagógica seja metodologicamente significativa, é imprescindível o uso dos mais variados gêneros, principalmente porque a modernidade exige e continua a impor diversas modificações na vida dos indivíduos e, com tanta evolução, as transformações ocorridas são inevitáveis. Se a multimodalidade tem sido a principal característica dos textos que circulam por todos os espaços atualmente, percebemos que as HQs passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade e se apresentam como um excelente recurso pedagógico para a formação de indivíduos letrados. A escola não pode se destituir de tal responsabilidade. As HQs podem contribuir sobremaneira haja vista que, são de fácil acesso, uma vez que estão presentes em livros, jornais, revistas, dentre outros, e proporciona um ensino significativo, produtivo e relevante para a construção do conhecimento no dia a dia dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, São Paulo, Hucitec, 1988.

BARBOSA, Alexandre. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto.

DIONÍSIO, A. P. **Multimodalidade Discursiva na Atividade Oral e Escrita**. In: MARCUSCHI, L. A. e DIONÍSIO, A. P. (horas.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____ **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**, São Paulo: Pontes, 1987.

KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to communication**. London & New York: Routledge, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definições e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P. et al. (org.) *Gêneros textuais & ensino.* Rio de Janeiro, Lucerna, 2010..

MENDONÇA, M. R.S. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos.** In: DIONÍSIO, A. P.; A. R. Machado e BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino.* 5. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 20 7.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W.; BARBOSA, A.; RAMOS, P., VILELA, T.; **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

REZENDE, L. A. **Leitura e Formação de Leitores: Vivências Teóricas Práticas.** Londrina. Eduel, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização: acesso a um código ou acesso à leitura?** ONG Leia Brasil. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/biblioteca_derrubada.htm. Acesso em: 23/09/2014

ROJO, R. **O texto no ensino-aprendizagem de línguas hoje: desafios da contemporaneidade.** In: TRAVAGLIA, L.C.; FINOTTI, L.H.B.; MESQUITA, E.M.C. (Orgs). **Gêneros de texto: Caracterização e ensino.** Uberlândia: EDUFU, 2008. Cap. 1, p. 9-43.

i Livia Almeida PASSOS, graduanda em Letras
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
liviaalmeidapassos@yahoo.com.br

ii Mauriceia Silva de Paula VIEIRA, Doutora em Linguística
Universidade Federal de Lavras (UFLA)
mauriceia@dch. ufla.br